

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( PÔSTER )

NOME: MARCO ANTONIO BARROSO

TÍTULO: Bergson: uma revisão do evolucionismo positivista de Herbert Spencer e Claude Bernard

AUTORES: MARCO ANTONIO BARROSO

PALAVRA CHAVE: Bergson, evolução criadora, positivismo.

## RESUMO

Para se compreender melhor o pensamento de Bergson, é necessário saber a quem são endereçadas suas críticas, é preciso saber que livros – ou pensadores – eram lidos no seu tempo. É certo que além de seus mestres, Ravaisson (1813-1900), Lachelier (1832-1880) e Boutroux (1845-1921), Bergson teve contato com as filosofias de Taine (1828-1895) e Spencer (1820-1903). A característica principal que engloba esses pensadores é o denominado evolucionismo positivista. Para esses filósofos, a evolução é fundamento último da teoria da realidade. O objetivo de nosso trabalho é, pois, demonstrar a apropriação bergsoniana das ideias evolucionistas, que causaram grande impacto no início do século XX. Afirma Camerino que o evolucionismo filosófico tem como fonte, assim como o romantismo, o pressuposto de que o finito é a manifestação do infinito. Aqui a natureza é tomada como desenvolvimento necessário, que tem como sentido final o progresso, assim como a história para os pensadores alemães. Em Spencer, “o progresso é entendido como transformação da homogeneidade arcaica em heterogeneidade atual, por meio da evolução.” Uma realidade que não se pode apreender imprime à matéria um dinamismo inteligente, que não cessa de se transformar. Em sua busca pelo rigor para a filosofia, Bergson se torna adepto desses pensadores, mas não concordando com o determinismo implícito a essas filosofias, e sua convicta adesão à ideia de liberdade logo rejeita esse extremo. Sobre a filosofia de Spencer, afirma Bergson que esta lhe parecia “tirar o decalque das coisas e modelar-se pelo detalhe dos fatos”, um dado positivo na busca pelo rigor do método, e, todavia, este se apoiava em detalhes vagos. Para o pensador francês, a fraqueza do sistema de Spencer estava em sua incapacidade “de aprofundar as ideias últimas da mecânica.” Foi pela pretensão de retomar esta parte da obra do filósofo inglês, corrigi-la e completá-la, que Bergson chegou à sua teoria do tempo. Embora, em sua juventude, Bergson tenha visto no positivismo as investigações filosóficas, aos poucos o filósofo foi se afastando dessa escola de pensamento, todavia podemos encontrar resíduos deste no pensamento bergsoniano. Segundo Cariou, o autor recusa o positivismo filosófico dito de cunho científico. Consequentemente, recusa a psicofísica associacionista e a física social de Comte. Segundo a estudiosa francesa, o que Bergson propõe é um “positivismo negativo”, para se reportar às ciências. O filósofo francês entende a própria física como uma projeção do psiquismo, lugar onde se encontraria o “positivismo fundamental”. Entretanto, não devemos entender com isto que o pensador deseja propor uma mera “psicologização” do estudo da metafísica, o que na verdade, a seu ver, é o fim da própria filosofia. O positivismo que procede a tal “psicologização” ou “sociologização” é, para Bergson, um falso positivismo, que nunca se apoiou verdadeiramente sobre as ciências, mas sobre o cientificismo, “o verdadeiro positivismo é uma introdução à metafísica.” Ou, como denomina Cariou, “metapsicologia”. Bergson é profundamente influenciado pelas descobertas científicas de sua época, principalmente pela profunda evolução das ciências biológicas, o que influenciaria definitivamente seu modo de pensar o mundo. Para ele, assim como na evolução da vida, o conhecimento se daria em duas etapas: primeiro a ciência e o conhecimento da matéria, depois a filosofia (metafísica), que seria o modo por excelência de conhecimento do espírito.